



Alexandre do Amaral Ribeiro e Livia Assunção Cecílio entrevistam Cecília Carvalho Egito, professora de Português como Língua Estrangeira da PUC-Rio

Alexandre do Amaral Ribeiro and Livia Assunção Cecílio interview Cecília Carvalho Egito, a professor of Portuguese as a Foreign Language at PUC-Rio.

O desafio de articular temas como Português Língua Estrangeira (PLE), os Estudos da Tradução e a Interculturalidade, conforme proposto por este número da *Revista Matranga*, oferece a oportunidade de se pensar o lugar da tradução no ensino de Português Língua Estrangeira (PLE). As contribuições dos autores, aliadas as reflexões compartilhadas nas entrevistas, permitem revisitar a tradução como ferramenta pedagógica. A ideia a de que analisar a pertinência e os possíveis caminhos para reintegrar o ato tradutório como uma ação que compõe as estratégias didáticas para o ensino de língua estrangeira, neste caso, de PLE.

Apesar de a proposta central partir da ideia de tradução em sentido amplo, reconhecendo suas diversas dimensões (interlingual, intersemiótica, intercultural etc.), não abre mão do encontro com práticas e visões que circulam mais amplamente, no âmbito do ensino de PLE. A presente entrevista resgata o ato tradutório como uma possibilidade dentre as tantas estratégias de ensino, sem deixar de ampliar a contribuição da prática de traduzir para o desenvolvimento de competência lexical e da inteligência cultural. As perguntas elaboradas, portanto, exploram os desafios para a “reintegração” da tradução no ensino de línguas sob premissas renovadas

Somos gratos e estamos convictos da excelente contribuição da professora Cecília Carvalho para reflexão proposta. A professora Cecília Carvalho tem uma trajetória marcada pela pesquisa sobre o papel da primeira língua (L1) e o uso produtivo da tradução em salas de aula. Defende a tradução como uma estratégia para expandir o vocabulário e a compreensão da estrutura e do funcionamento da língua. Ao destacar o papel da “inteligência cultural” para reduzir barreiras afetivas, vê na língua materna do aluno um recurso cognitivo inevitável e benéfico para a aprendizagem do português.



Professora de Português para Estrangeiros da PUC-Rio, Cecília Carvalho é também comprometida com a formação de professores, buscando sempre trazer um olhar crítico sobre as práticas de ensino. A entrevista convida o leitor a ampliar as bases para uma reflexão crítica que concilie uma visão restrita e uma visão ampla da tradução na sala de aula de PLE.

MATRAGA | O ensino de Português como Língua Estrangeira (PLE) historicamente dialogou com diferentes metodologias, e a tradução já teve papéis centrais, marginais ou mesmo rejeitados. Na sua prática docente e de pesquisa, como percebe hoje a utilidade da tradução no ensino de PLE?

CECÍLIA CARVALHO EGITO | Hoje entendemos que, no ensino de línguas estrangeiras, todo recurso é bem-vindo desde que utilizado adequadamente. A tradução é um deles. Sendo aplicada de forma estratégica, pode auxiliar bastante o processo de ensino-aprendizagem, especialmente do português por falantes não nativos adultos, que têm sua língua materna completamente cristalizada. Em minha tese, *O papel do inglês como primeira língua em ensino-aprendizagem do português como segunda língua para estrangeiros* (2013), pude analisar algumas formas como a tradução inevitavelmente surge nesse tipo de sala de aula tão peculiar em que atuo: diversa ao extremo, com aprendizes falantes de vários idiomas diferentes. Há muitas teorias e métodos de ensino que defendem o monolinguismo na sala de aula de L2/LE e buscam o maior afastamento possível da L1, percebida como ruído no processo de aprendizagem. No entanto, os dados coletados em minha pesquisa apontaram para um uso produtivo da tradução. Explico. No trabalho procurei observar os momentos em que os alunos, durante um certo número de aulas presenciais, passaram do português para o inglês, observando as razões e as consequências dessa alternância da L2 para a L1. A partir disso, pude concluir que os alunos empregaram o inglês, a língua materna deles, com algumas funções distintas, dentre as quais destaco duas: compreender estrutura e expandir vocabulário. Nos dois casos, a tradução resultou em construção de conhecimento e, portanto, revelou-se um recurso pedagógico, fortalecendo a tese de que pode ser, sim, um recurso auxiliar para aprendizagem de uma nova língua. Entretanto, tenho que ressaltar que a maneira como a tradução é manejada é o que a tornará um recurso didático ou um ruído na aprendizagem. A tradução direta, por exemplo, se utilizada em demasia, pode criar um bloqueio no desenvolvimento de proficiência oral. Já a tradução como paráfrase, aplicada em momentos estratégicos, mostra-se um valioso instrumento no processo de ensino-aprendizagem. Recomendo fortemente a leitura do artigo “L1: madrinha ou madrasta? – o papel da L1 na aquisição da L2” (2004), de Heloísa Augusta Brito de Mello. O trabalho trata não apenas da complexa questão da primeira língua nos estudos sobre aquisição de segunda língua, mas também dá lugar à necessária discussão sobre a tradução como recurso didático na aprendizagem de LE.

MATRAGA | A interculturalidade é um eixo fundamental para o aprendizado de uma língua estrangeira. Que desafios e oportunidades a senhora identifica no trabalho com estudantes de diferentes origens culturais ao ensinar português?

CECÍLIA CARVALHO EGITO | A diversidade linguística e cultural da sala de aula é um componente desafiador e, ao mesmo tempo, fascinante tanto para os aprendizes quanto para o pro-



fessor. Constitui uma fonte inesgotável de informações novas, interessantes e curiosas acerca dos mais diferentes países e culturas. Manuseando essas informações de modo adequado, o professor tem a oportunidade de mostrar aos alunos novas formas de enxergar o mundo, contrastando-as com a cultura brasileira. É um modo incrível de instigá-los a empregar o português em sala, testando as estruturas estudadas. Além disso, o exercício de relacionar duas ou mais culturas desenvolve a chamada inteligência cultural, proposta por Peterson (2004) para afastar o perigo do etnocentrismo. A marcante interculturalidade da sala de aula de PL2E permite que professores e alunos extrapolem os limites da descrição linguística e da comunicação interpessoal, propiciando consciência sobre a própria cultura e tolerância e compreensão com a cultura do outro. Dar espaço à cultura do aluno no processo de aprendizagem do português reduz a barreira afetiva e contribui positivamente para que ele compreenda, sem estranheza, a cultura brasileira e sua indissociável relação com a língua portuguesa. Na comunicação do brasileiro, língua e relações sociais se misturam, sendo necessário ao estrangeiro falante de inglês, por exemplo, aprender que chamar uma mulher de *you* ou de *senhora* faz toda a diferença. E se o professor entende que na língua desse estrangeiro existe a confortável forma *you*, que ele usa sem grandes consequências pragmáticas, será mais fácil compreender sua dificuldade ao lidar com as formas de tratamento do português (cf. Meyer, 2004). Então, há aspectos pragmático-discursivos, culturais e interculturais do português do Brasil que precisam ser abordados em sala de aula, como atesta Meyer (2004): “O PL2 é uma área acadêmica que até hoje tem se desenvolvido, ao menos no Brasil, principalmente através de um ponto de vista da Linguística Aplicada ou então de um foco estritamente voltado para a forma linguística, com ênfase nas estruturas morfossintáticas. [...] Quando o foco desse processo de ensino-aprendizagem está colocado no comportamento social linguístico esperado do falante de português, e não apenas em estruturas e/ou regras gramaticais, há todo um universo de valores, atitudes, crenças, rituais sociais a serem conhecidos, assimilados, aceitos e, espera-se, utilizados com eficiência”. Enfim, as escolhas feitas no sistema linguístico do português do Brasil incidem diretamente na realidade pragmática, fazendo da aprendizagem dessa língua um fenômeno ainda mais desafiador.

MATRAGA | A senhora tem uma longa trajetória acadêmica com o ensino de PLE e com a formação de professores de PLE. Como essas experiências moldaram a sua visão sobre a interface entre ensino de PLE, estudos da tradução e formação docente?

CECÍLIA CARVALHO EGITO | Ensinar português do Brasil para estrangeiros de tantos lugares diferentes do mundo nos mostrou que o modo como se aprende uma segunda língua está intimamente associado à língua materna e à cultura de origem. Dependendo do país de onde vem, o aprendiz estrangeiro pode se beneficiar da tradução como recurso didático em alguns momentos da aprendizagem. Além disso, muitos aspectos da língua portuguesa são tão idiomáticos que a tradução, dependendo do grau de proficiência dos alunos, pode ser um grande auxílio. O aprendiz de L2 usa seu conhecimento acerca de sua própria língua como fonte adicional de informação, especialmente os adultos, uma vez que eles, como já disse, têm a língua materna extremamente solidificada. Nós criamos modelos de conhecimento da realidade que compara-

mos aos modelos preexistentes. Isto se dá por conta do caráter econômico da aquisição de L2, que se explica pelo fato de a mente ser um sistema parcimonioso, ou seja, todo conhecimento prévio é reaproveitado. Portanto, a tradução emerge de modo inevitável, sendo, a meu ver, mais produtivo utilizá-la a nosso favor em vez de rechaçá-la criando uma barreira a mais. Desse modo, na formação docente é importante apontar para os novos professores que, ao lecionar para estrangeiros, nossa sensibilidade acerca da melhor forma de ensinar precisa estar aguçada. Não há certo e errado, mas sim melhor ou pior dependendo da cultura e da língua de origem de cada aprendiz.

MATRAGA | Olhando para o futuro, quais competências considera prioritárias para a formação de professores de PLE em um contexto global marcado pela diversidade linguística, cultural e pelas novas tecnologias?

CECÍLIA CARVALHO EGITO | Sem dúvida a capacidade de adaptar-se às novas tecnologias faz toda a diferença. Além disso, é necessário manter a mente aberta a novas culturas, atualizar-se continuamente, desenvolver a criatividade e manter-se em contato com colegas da área que sempre enriquecem nosso trabalho compartilhando relatos, experiências, atividades e métodos que talvez não conheçamos. A área está em constante transformação e essa troca fortalece o trabalho do docente. Estudar e pesquisar continuamente são preceitos dos quais o professor de PLE não pode escapar. O português é uma língua muito plástica, que sofre mudanças o tempo todo, cedendo às pressões do uso social. Dessa forma, o docente que não busca se inteirar sobre os constantes novos empregos da nossa língua corre o risco de se perder na caminhada.

MATRAGA | Na experiência da senhora com o ensino de português para aprendizes estrangeiros, quais têm sido as contribuições mais relevantes dos Estudos da Tradução para enfrentar as dificuldades específicas desse público? Em que medida a proximidade entre a língua materna do estrangeiro e o português do Brasil facilita o processo de aprendizagem e, ao mesmo tempo, cria falsos cognatos ou armadilhas linguísticas que precisam ser tratados em sala de aula?

CECÍLIA CARVALHO EGITO | Acredito que não se trate exatamente dos Estudos da Tradução, mas sim da Metodologia de Ensino de Línguas, que têm demonstrado que a L1, minimamente, deve ser aceita no processo de ensino-aprendizagem. A determinação do professor em usar apenas a língua-alvo e a necessidade premente do aluno de compreender e ser compreendido gera tensão e polarização entre os dois, o que poderia ser amenizado com o uso da tradução nos momentos de maior dificuldade. A ideia do bilinguismo por meio do monolinguismo é muito empregada para justificar a exclusão da L1, mantendo o completo foco na língua-alvo. No entanto, Canagarajah (1999) já constatava que, “longe de ser considerada um obstáculo para o domínio de uma segunda língua, cada vez mais se tem argumentado que a L1 pode promover a aquisição da L2 de maneira mais ativa e eficiente”. Em relação especificamente ao PLE, temos o desafio da diversidade de línguas maternas em sala de aula. Como um único professor poderia lidar com vários idiomas ao mesmo tempo? O que se propõe nesse caso é que ao menos não

haja rechaçamento da língua do aluno quando ela emerge, impondo o português (língua-alvo) a todo custo. Independentemente de qual seja a L1, o professor pode, de modo gentil e gradual, conduzir o aluno a se aventurar no uso do português. Quanto aos falsos cognatos e às possíveis armadilhas linguísticas, a tradução pode justamente ser estratégica para tanto, esclarecendo dúvidas e dissipando confusões que se manteriam sem ela.

REFERÊNCIAS

- CANAGARAJAH, A. Suresh. **Resisting Linguistic Imperialism in English Teaching**. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- CARVALHO, Cecília. **O papel do inglês como primeira língua em ensino-aprendizagem do português como segunda língua para estrangeiros**. Tese de Doutorado em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), 2013.
- MELLO, Heloísa Augusta Brito de. L1: madrinha ou madrasta? – o papel da L1 na aquisição da L2*. **Signótica**, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 213–242, 2008. DOI: 10.5216/sig.v16i2.3743. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/3743>. Acesso em: 10 jan. 2026.
- MEYER, Rosa Marina de Brito. Should I call you a senhora, você ou tu?. In: Rosa Marina de Brito Meyer. (Org.). **Revista Palavra**. Rio de Janeiro: Editora Galo Branco, 2004, p. 79-87.
- PETERSON, Brooks. **Cultural Intelligence: A Guide to Working with People from Other Cultures**. Yarmouth, ME: Intercultural Press, 2004.

